

ANÁLISE FUNCIONAL E PLANO TERAPÊUTICO, PARA O BEHAVIORISMO

FUNCTIONAL ANALYSIS AND THERAPEUTIC PLAN FOR BEHAVIORISM

*Marilza Bertassoni Alves MESTRE¹
Ana Paula da COSTA²

RESUMO

Introdução: Todos os comportamentos sofrem três tipos de seleção por consequências, por seleção natural ou filogenética; seleção das consequências pessoais e seleção dos efeitos de suas ações em seu grupo sociocultural. A identificação das variáveis das quais dado comportamento é função, para o behaviorismo, é chamada de Análise Funcional (AF). Descobrir o que, como e por quem, com quais custos e ganhos estão, no presente, controlando a existência do agir, revela sua chamada etiologia de manutenção e de origem, permitindo melhor plano terapêutico. Os **objetivos** desse artigo foram: a) definir a AF sob a ótica behaviorista; b) ensinar o modelo SORKC como uma das maneiras de fazê-lo; e c) apresentar a importância dessa estratégia e intervenção como um método de formular plano e estratégia para psicoterapia. A **metodologia** usada foi revisão de literatura tendo como fio condutor textos anteriormente publicados pela autora principal e os da coleção Sobre Comportamento e Cognição, da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental, (ABPMC). **Considerações finais:** Existem muitas formas de realizar AF e analisar esses múltiplos encadeamentos, mas em todas elas se busca as causas que controlam o comportar.

Palavras-chave: Psicoterapia, Terapia comportamental, Funcionamento psicossocial.

ABSTRACT

Introduction: All behaviors undergo three types of selection by consequences: by natural selection or phylogenetic; selection of personal consequences and selection of the effects of their actions on their socio-cultural group. The identification of the external (and internal) variables of which given behavior is a function, for behaviorism, is called Functional Analysis (AF). Discovering what, how and by whom, what costs and gains are, in the present, controlling the existence of action, reveals its so-called etiology of maintenance and origin, allowing better therapeutic plan. The **objectives** of this article were: a) to define AF from a behaviorist perspective; b) teach the SORKC model as one of the ways to do it and c) to present the importance of this strategy and intervention as a method of formulating a plan and strategy for psychotherapy. The **methodology** used was a literature review using texts previously published by the main author and those of the collection About Behavior and Cognition, of the Brazilian Association of Psychotherapy and Behavioral Medicine, (ABPMC). **Final considerations:** There are many ways to perform PA and analyze these multiple threads, but in all of them one seeks the causes that control the behave.

Keywords: Functional Analysis, Behavioral therapy, psychotherapeutic instruments and plan.

¹ *Marilza Bertassoni Alves Mestre *Psicóloga* (CRP 08/0777), *professora doutora e supervisora do curso de psicologia da Faculdade Herrero. E-mail: marilzamestre@marilzamestre.com_*

² Ana Paula da Costa *Psicóloga* (CRP15287)

1. INTRODUÇÃO

Skinner (2005)¹ propôs uma teoria psicológica que, à semelhança de outras abordagens psicológicas, tem como objetivo permitir a qualidade de vida daquele que procura ajuda. A diferença entre elas está na visão que possui sobre o que é o homem, um ser uno, único, criativo e potencialmente livre e nas estratégias que usa para alcançar tal meta. O autor propõe que, para ajudar na execução de exercer liberdade para seu cliente, é trabalho do terapeuta fazer a análise das contingências _ do presente e do passado _que levam alguém a adquirir e ou manter um repertório de ação que parece ao cliente, por ser sua queixa, só trazer prejuízos. No entanto, se existe a ação é porque essa sofreu reforçamento¹. E, dentro dessa filosofia, interação entre homem e seu ambiente, o behaviorista abraça a visão aristotélica de que o ser humano é uno, único, criativo e potencialmente livre².

O comum é alguém buscar terapia trazendo uma ou mais demandas. Bernardes e Meyer³ (1983) ensinam que se deve descobrir os ganhos e custos a curto, médio e longo prazo, que configuram as causas de se comportar, levando à discriminação do queixoso. E, para isso, investigam a etiologia, ou seja, as causas de origem e de manutenção de um dado comportamento e ou mesmo de todo um repertório de ações. Essa filosofia vê o agir como produto, portanto como “função” da história passada, mas acima de tudo, da atual, presente na vida daquele que se comporta.

O primeiro modelo skineriano, para a execução de uma análise funcional, ficou conhecido como "tríplice contingência", mas mesmo lá, no início outras variáveis apareciam, alertando para a multicausalidade ou a chamada “múltipla contingência” que controla comportamento¹.

Para a filosofia de Skinner, todos os comportamentos são compostos de Respostas, encadeadas ou autônomas entre si, e o conjunto de comportamentos compõe o padrão chamado de repertório comportamental. Detectar, analisar e entender suas funções é o que está na base da chamada Análise Funcional¹.

O presente texto demonstra como descobrir o que, como e por quem, com quais custos e ganhos estão, no presente, controlando a existência do agir, revela a chamada etiologia de manutenção, para a pessoa que se comporta tanto quanto para seu meio ambiente. Porém, se faz importante ter também acesso às variáveis do passado e descobrir quais e como as variáveis de construção de tal repertório ocorreram, revelando a etiologia de origem da queixa atual. E, isso facilitará o projeto terapêutico e, desse modo, a aquisição de qualidade de vida àquele que busca a psicologia.

Existem muitas formas de realizar AF e analisar esses múltiplos encadeamentos, mas em todas elas se buscam as causas que controlam o comportar.

Mestre⁴ (1991), em sua carreira docente, foi desenvolvendo um modelo próprio de realizar a AF, com publicações voltadas ao processo de ensino-aprendizagem desse instrumento terapêutico. E, ao revisar suas antigas publicações e materiais usados em aula sobre Análise Funcional percebeu a necessidade de reescrever, didaticamente, o que é e como fazer AF. Assim, convidou uma ex-aluna, a psicóloga Ana Paula da Costa, para compor com ela a construção de tal tarefa.

Assim os objetivos desse artigo foram: a) definir a AF sob a ótica behaviorista; b) ensinar o modelo SORKC como uma das maneiras de fazê-lo; e c) apresentar a importância dessa estratégia e intervenção como um método de formular plano e estratégia para psicoterapia.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia usada foi revisão de literatura tendo como fio condutor textos anteriormente publicados pela autora principal e outros clássicos do behaviorismo. Ocorre que o termo Análise Funcional até o presente está fora da base de dados de busca das principais revistas da psicologia científica, por ser termo de uso exclusivo do behaviorismo, o que dificulta o trabalho de produção de conhecimento e justifica que as obras encontradas sejam, na maioria, antigas em termos de data das publicações. A principal base de dados usadas para o presente estudo sendo a coleção Sobre Comportamento e Cognição, da Associação Brasileira de Psicoterapia e Medicina Comportamental,

(ABPMC_Artmed). Foram selecionados também textos da Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva (ISSN 1982-354) da ABPMC e IPUSC (Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo).

A classificação, organização e análise desses tendo ocorrido via leitura direta e completa de todos os artigos desde o ano de 1980. com respectivos fichamentos, de 53 publicações, todas da linha teórica comportamental. Desses foram selecionadas 28 obras relacionadas ao tema e o critério de inclusão para fonte de dados desse estudo tendo como objetivo principal da escrita o tema análise funcional e estivesse no escopo da abordagem cognitivo comportamental.

3. CONCEITOS BÁSICOS

O que têm em comum comportamentos de âmbito motor, como andar ou falar com os da esfera cognitiva, como pensar, sonhar ou imaginar, ou ainda com os emocionais como sentir saudade, tristeza, medo ou raiva e os autonômicos, como as sensações tais como dor, o frio, o calor é que todos eles são funcionais aos seres, culturas e ou espécies, pois todos obedecem à função de manter vida.

Os comportamentos animais, e o ser humano é um animal, se classificam em sensações e emoções e, ambas, obedecem ao sistema nervoso autônomo (SNA), portanto têm sua origem na herança genética, herdada. Já os cognitivos e motores obedecem ao sistema nervoso central (SNC) com origem também na programação genética, mas baseados na história cultural de grupos de pertencimento e/ou percurso histórico pessoal. Isto é, se estão no repertório de alguém ou de seu grupo é porque foram adquiridos via reforçamento¹. Ainda, se mantidos é porque continuam produzindo ganhos, mesmo que com custos e tais consequências nem sempre sendo percebidas por aqueles que se comportam (Mestre, 2015)⁶.

Saber fazer a Análise Funcional (AF) é de fundamental importância para o psicólogo behaviorista e, para tanto, é preciso conhecer os conceitos desenvolvidos por Skinner e aprendidos durante a formação do psicólogo na disciplina de Análise Experimental do Comportamento (Mestre e Moser, 2019)⁷.

Para começar se faz necessário distinguir três palavras que muitas vezes se confundem, mas significam coisas diversas⁷.

1. Repertório de comportamentos: significa o padrão de ações que alguém apresenta e que podem definir um “perfil” razoavelmente reconhecido pelas pessoas que conhecem aquele que se comporta, quer essas ações sejam abertas ou encobertas (Delinski, Franzoni, Gracynski e Mestre, 2004)⁸. Um exemplo para ilustrar é quando se fala que o cantor X é “sertanejo”. O que significa que seu repertório musical, próprio ou emprestado de outros autores, se compõe de músicas voltadas ao meio rural. Outro exemplo, alguém denominado por “padeiro” traz no título a descrição que seu repertório profissional é “fazer pães”.
2. Comportamento: olhando para o primeiro exemplo, o mesmo do músico, uma melodia sua que estiver sendo cantada popularmente é apenas um dos inúmeros comportamentos do seu repertório musical que obedece, provavelmente, ao global de agir. Assim, já se pode pensar que tal música será mais uma de modalidade sertaneja. No segundo exemplo, fazer pão é um comportamento de padeiros, mas nesse tipo de repertório poderia constar pães de variados tipos — centeio, fubá, queijo etc. Mas também fazer broas, tortas etc. Cada um deles são comportamentos diversos, mas todos dentro de seu repertório de produzir alimentos envolvendo massa. Comportamento é um processo que ocorre num contexto e enquanto processo é dinâmico. E, assim, está em constante variabilidade e aperfeiçoamento, composto por várias Respostas (Moreira e Medeiros, 2005)⁹.
3. Resposta: é uma das facetas de um comportamento que já ocorreu. No exemplo, cada música, comportamento do repertório do artista, se compõe de respostas tais como a estrofe, estribilho ou refrão, letra, melodia, ritmo etc. No outro exemplo, “fazer pão”, um comportamento igualmente se compõe de várias respostas, como medir e peneirar a farinha, quebrar os ovos (e antes disso comprar cada um desses itens), misturar ingredientes, assar etc. Portanto, respostas são apenas elos de dado comportamento e como tal são a parte imutável dele, porque pertencem ao passado e só

servem como referência daquela contingência ocorrida. Elas são unidade do comportamento e esse só pode ser entendido no contexto em que ocorre⁷.

Esse raciocínio se torna fundamental para realizar uma Análise Funcional pois toma-se como unidade uma das respostas que compõe um dado comportamento para fonte de Análise. Via de regra se escolhe a resposta que se apresentar em forma de queixa, porque entende-se que ela faz parte de uma classe de Respostas _ comportamento_ que produzam reforços que se pretende entender.

Aqui cabe retomar o conceito de classe de respostas e de classe de estímulos. O princípio de “classe de respostas” diz respeito a várias Respostas que guardam algum tipo de semelhança entre si. Ou pela Forma com que se apresentam, ou porque estiveram contiguamente próximas no momento de reforçamento de uma delas, ou porque atendem a funções semelhantes. Aí, se entende que uma resposta ao ser reforçada estende tal efeito fortalecedor para outras que não tenham sido reforçadas diretamente, e isso acontece graças ao processo de generalização de respostas. Isto é, uma classe de Respostas inclui mais de uma delas que guardam conexão entre si e sofrem influência umas das outras, ou seja, quando uma recebe reforço ou punição as demais, de forma indireta, sofrem as mesmas consequências⁹.

Ilustrando com o mesmo exemplo do comportamento de compor e cantar música sertaneja provavelmente se irá encontrar um histórico-cultural e pessoal de reforçamento relacionado à Forma que se toca esse tipo de música, ou à Intensidade de notas que se consegue fazer nelas, e/ou à Frequência com que se faz esse tipo de melodia (FIF). Tais reforços irão fortalecer o estilo sertanejo, e para vários tipos, como o dito de “raiz”, tanto quanto o chamado “universitário”, pois o reforço se estende a todo o estilo sertanejo independente se foi efeito da Forma da música ou aplicada a intensidade das notas tocadas, ou apenas de sua frequência, mesmo que por contingências factuais, por exemplo, ser um dos poucos CDs, discos, daquela rádio que toca¹.

Nesse caso, reforçar um estilo acaba por estender esse reforço para outras respostas semelhantes (generalização de respostas)⁹

Outro conceito que importa rever é o de “Classe de estímulos”. Ele ajuda a entender como que, aparentemente, algum fragmento de comportamento (resposta) diferente e em que, aparentemente, não se percebe reforçamento esteja sendo mantido apesar do custo alto aplicado a tal resposta (Sidman, 2005)¹⁰.

Os estímulos ganham significado por sua semelhança entre as associações discriminativas, tanto na forma, como na intensidade e ou frequência em que aparecem ligados a alguma resposta de um dado comportamento. A generalização e a discriminação de estímulos explicam como uma aparente reprimenda, que para a maioria das pessoas seria uma punição possa servir como estímulo discriminativo para controle reforçador de uma ação¹⁰. Isso é, as semelhanças entre estímulos antecedentes possam estar controlando uma resposta que no passado não produzia reforçamento, quer positivo, quer negativo, porém o contexto atual aproxima semelhanças sinalizadoras de possíveis reforçamentos¹.

Explicando com a situação de um cantor receber vaia em determinado concurso musical e esse fato ser motivo de posterior visibilidade na mídia e, com isso, conseguir mais contratos para novas apresentações, ele poderia sentir-se reforçado cada vez que recebesse uma crítica. Então isso poderia agregar em seu repertório fazer letras ou melodias que incitem críticas, embora que mantenha o repertório sertanejo.

4. A ANÁLISE FUNCIONAL propriamente dita

O raciocínio de Skinner¹ nasceu de observação de repertórios em animais simples como pombos e ratos. Porém, ele, ao orientar seus alunos de pós-graduação percebia nos humanos resultados semelhantes por ação de contingências. Entendendo-se por contingência a cadeia da relação existente entre os organismos envolvidos e as variáveis ambientais e ou comportamentais, o controle que umas exercem sobre outras. Skinner afirma que, ao modificar o ambiente, aquele que age é simultaneamente

agente ou sujeito dessa ação e objeto de mudança, graças a essa característica contingencial (Kuhnen, 2011)¹¹.

A tríplice contingência analisa variáveis do tempo presente que controla dado comportamento e, assim, o mantém. Necessária, mas não suficiente, a Tríplice Contingência ou Contingência de Três Termos é então a relação entre três termos atuais, do presente da pessoa que se comporta, como na equação proposta por Skinner¹ para explicar a relação contingencial entre o que desencadeia um comportamento, esse expresso por uma de suas operacionalizações e as consequências imediatas que provoca no ambiente. O Esquema proposto por Skinner¹ ilustra como as variáveis se contingenciam.

CONTINGÊNCIA DE TRÊS TERMOS
S antecedentes ___ Resposta ___ S consequentes

Esquema de Contingência, Skinner, 2005.

- **Estímulos antecedentes**, aqueles presentes imediatamente antes de ocorrer a emissão do comportamento. Eles se referem às ocasiões nas quais o comportamento ocorre e sinalizam a probabilidade de quais consequências poderiam acontecer como efeito daquele ato. São, portanto, estímulos discriminativos: S Dê, associados às contingências reforçadoras, ou S Delta, ligados a contingências punitivas¹;
- Comportamento (ou **resposta**) se refere a qualquer ação observável, nem sempre mensurável, mas perfeitamente passível de operacionalização e aí se tornam mensuráveis_ denominado comportamento aberto ou *encoberto* _categoria que inclui os atos de pensar e sentir, como sentimentos ou sensações⁸
- **Estímulos consequentes**, são as consequências ou efeitos que ocorrem após o comportamento. Isso é, são produzidos pela ação, quer de forma natural, quer de forma arbitrária e são responsáveis pela probabilidade futura da emissão de respostas de uma mesma classe delas. Dependendo da variação entre um dado comportamento e seus estímulos consequentes, tal comportamento, no futuro, terá menor ou maior probabilidade de voltar a ocorrer em situações semelhantes¹.

4.1. INSTRUMENTOS para se construir uma AF

Os instrumentos utilizados para formular uma AF comumente usados por Mestre⁵ são:

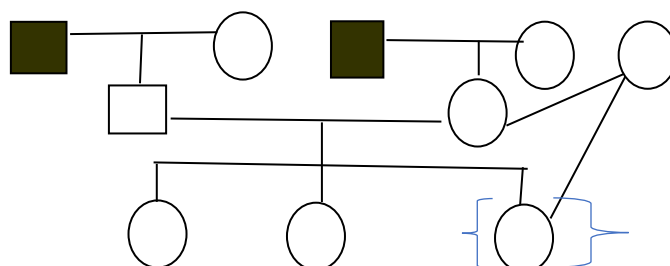
- a) **Entrevista clínica**, como ensinado por Silvares (2004)¹² e que deve ocorrer como processo contínuo ao longo da terapia utilizada tanto na obtenção de dados, como instrumento de observação e inquérito, como instrumento de persuasão e mudança comportamental. A escuta ativa e o olhar clínico são fundamentais na obtenção de dados tanto para a AF como para a execução do plano psicoterápico.
- b) **Inventário de Vida (HV)**, Mestre⁵ adaptou o modelo de Lazarus (1977)¹³ e desenvolveu uma anamnese em formato de inventário que é entregue ao início do processo terapêutico e permite descobrir a história pessoal daquele que vem para a terapia, bem como suas crenças e valores sociais. A aplicação desse inventário é sugerida ao que chama de cliente, pois aquele que vem à clínica não é um paciente, pois este se submete ao comando de um profissional, já o cliente é um participante ativo do processo terapêutico. O inventário é enviado por meio digital e a pessoa o responde, “economizando” tempo e energia para si e para o terapeuta (o preenchimento de tal inventário, na prática clínica, demonstrou amplo ganho, cerca de 10 a 15 sessões deixam de ser necessárias). Quando, e se for necessário, se volta a questionar ou aprofundar os dados em entrevista.
- c) Um auxiliar ao HV é o denominado “Videograma” ou “**Linha da vida**”⁵. O material utilizado são folhas de papel e caneta ou lápis colorido. Pedem-se para a pessoa imaginar o “filme de sua vida” e quais são os pontos que ela considera que são marcantes e marcá-los na linha central. Tanto os bons quanto os “não- bons”. A pessoa deverá escolher uma cor que gosta para as coisas boas e uma cor

que não gosta para as “não-boas”. O desenho será feito com duas linhas quebradas em “picos”. A linha superior contendo as coisas boas que já lhe ocorreram, e a linha inferior com os picos inversos das experiências que ela julga desagradáveis. Pode ser feito em uma só folha como pode se utilizar mais de uma, e dentro ou fora da sessão como tarefa de casa. O objetivo é auxiliar a visão de toda sua trajetória de vida, pela própria pessoa. Uma segunda parte desse instrumento é fazê-la refletir da forma simbolizada no desenho, sobre suas metas, a curto, médio e longo prazo. Nesse momento alguns encobertos podem ser revelados, por exemplo, aparecerá o motivo da consulta? Veio trazendo uma queixa e não a menciona como meta. Por que seria?

- d) **Heredograma** é uma adaptação do genograma originado na biologia (genética) e da árvore genealógica da heráldica, subdisciplina da história. Ao se aplicar o heredograma se avalia as relações sociais e passagens de valores diversos entre dado grupo social. Aqui se usa da simbologia das relações na família funcional da pessoa que vem à terapia⁵.

A Figura 1 ilustra como representar a correlação intergeracional controlando comportamentos de todo um grupo familiar, fictício _ criado pela autora principal_ independente de relação consanguínea:

Figura 1: traz três linhas de relacionamentos de coortes geracionais, distribuídas em 1ª linha: 3 grupos de avós _ 2 sanguíneos e 1 avó afetiva; a 2ª linha dispõe o casal que traz a queixa a psicoterapia e a 3ª linha a prole desse casal, identificando a pessoa da qual a família se queixa por estar entre colchetes. Os quadros significando gênero masculino e os círculos gênero feminino. As figuras escuras significando pessoas falecidas. As linhas horizontais representando as relações intra geracionais e as linhas verticais ou diagonais representando as relações intergeracionais. O Heredograma apresentado traz dados fictícios, meramente ilustrativos.



Fonte: produção da autora principal a partir de entrevistas de junção de vários casos clínicos.

Muitas abordagens em psicologia usam o genograma familiar para avaliar relacionamentos, mas na comportamental tal avaliação difere do genograma tradicional, no que se refere à importância dada às pessoas não consanguíneas que funcionam como família.

No exemplo _ criado pela autora_, há uma senhora que, simultaneamente, age como mãe e avó da última garota das três filhas do 3º casal, na segunda linha do desenho. Na 1ª linha, distante, ela aparece como uma babá que criou a mãe da cliente em nítida função parental pelos dados colhidos. Repare que a 1ª linha aparece a avó afetiva, babá da mãe da cliente. os dois casais de avós consanguíneos, paterno e materno, onde os dois homens já faleceram e ambas as mulheres são funcionais como avós. Mas também aparece a avó afetiva. Na 2ª linha está o casal parental das três jovens (que estão dispostas na 3ª linha). A última garota tendo sido criada pela mesma babá que também criou sua mãe, mas não criou as duas meninas mais velhas. Para as mais velhas ela foi babá, para a caçula cumpriu funções maternas e de avó.

Ao realizar uma AF se faz importante descobrir como agem essas pessoas em relação à cliente e às suas queixas e como interagem entre si. Também cumpre descobrir FIF dos atos, com custos e ganhos de cada um representante do núcleo familiar que inter age entre si.

4.2.COMO FAZER AF

Ao se analisar um instrumento útil, se usa o questionamento de Aristóteles². O filósofo ensinou a observar fenômenos e pessoas e ao pesquisador estabelecer questões mais frutíferas para se descobrir a causa do fato visto. Continuava a perguntar: “O que? QUAL é o fenômeno?”, mas, evitar a pergunta “Por que?”, pois essa poderia produzir “razões” e impedir visualizar causas, mascarando-as. A causa de manutenção se obtém buscando: como, quanto, quando, onde, do que tendem a estabelecer as causas de manutenção².

Ao longo de toda obra de Skinner ele vai deixando claro que além das contingências atuais existe também controle da história passada atuando no repertório das pessoas, as contingências da herança da espécie e as da herança cultural¹. E vale aqui investigar na presença de quem, como iniciou, quando apareceu o fenômeno?² Ao descobri-las se encontram as causas ou etiologia de origem, tais como valores, crenças racionais ou irracionais, internalizadas de forma discriminada ou indiscriminada, reforçadas no passado ou no grupo e que fazem indivíduos atuar no presente¹.

A AF dá ênfase no processo de interação mais do que em procedimentos. Analisar funcionalmente significa encontrar uma múltipla contingência, com no mínimo cinco termos principais⁴. E, para isso acontecer terapeuta e cliente desempenham funções bem definidas³:

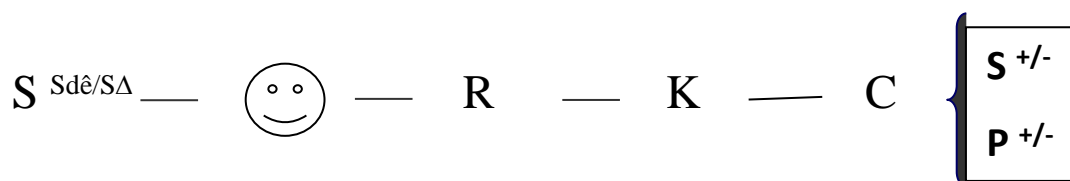
A) Função do cliente (CL) é relatar as contingências, descrevendo-as, e construir nova organização entre os elos de seus comportamentos, propiciando a possibilidade de novas contingências;

B) Função do Terapeuta (TP) é sistematizar os fatos, decodificar as contingências reais ou imaginárias, relatadas, contextualizar as variáveis imperceptíveis pelo cliente. Isso tanto para comportamentos abertos como para encobertos⁸, uma vez que estes nada mais são que atividades do sujeito que os relata.

CONTINGÊNCIA MÚLTIPLA

Há várias formas de proceder tal análise. Mestre⁴ descreve um modelo por ela adaptado, ao longo de sua prática clínica, de vários autores, entre os quais estão Keefe e Kopel (1998)¹⁴, que obedece ao paradigma, ilustrado pela figura 2:

Figura 2: representação de como um dado organismo (pessoa representada pelo emoji) que se queixa (o R simbólico de respostas ou ações) de algo ou que alguém se queixa de seu comportamento (por déficit ou superávit) inseridos em um ambiente relacional (K, da constante emprestada da física, presente em todo tipo de relacionamento e diverso para cada um) e os antecedentes da pessoa e ou de seu ambiente (representado pelo S) e as consequências produzidas por R (aqui na sigla C). Com base em Skinner¹ e Keefe, Kopel Gordon¹⁴, Mestre⁴ desenvolveu o esquema de interpelação entre cinco variáveis.



Fonte: produção da autora principal

Na sua prática Mestre⁴ mantém as siglas e altera alguns dos significados do paradigma proposto por Keefe, Kopel Gordon¹⁴ aplicando uma forma simples de análise, estabelecendo passos para avaliar. Há vários instrumentos que ajudam a fazer esse levantamento e que serão apresentados nesse texto.

Mestre⁵ recomenda primeiro focar em quem está agindo (a pessoa foco de análise= 😊). Investigar seus dados, seu histórico em relação à queixa e ao repertório em geral. Investigando comportamentos presentes, fragmentos destes, isso é selecionando uma resposta-queixa a cada vez, isso auxilia a encontrar as causas de manutenção do comportar-se⁴.

Estabelecendo quem se comporta, mesmo que ocorra em cadeia social, onde várias pessoas se relacionam, essa pessoa será o foco de atenção. Tal indivíduo será denominado por “O”, associado a palavra organismo e representado pelo *emoji*. Os instrumentos aplicados logo ao início ajudam a

conhecer a pessoa que se queixa ou de quem se queixa e na qual será focado o trabalho. Trata-se de um dos aspectos das causas de origem. É importante descobrir quem é essa pessoa que fala. Quais são os seus valores, no que ela acredita e no que ela pensa e sente sobre si mesma e sobre o mundo. Essa é a tarefa a ser feita na análise da pessoa. Quais são suas características biofísicas e se se tem algum déficit orgânico. Quais são suas características principais, ou seja, conhecer o seu histórico pessoal e social ajuda análise⁴.

Ainda outra característica das causas de origem é o componente K. Por analogia com a física onde a letra “K” simboliza aquilo que é constante. Mestre⁴ atribuiu ao contexto de vida essa sigla, pois é uma constante a todos vivermos em sociedade, cercados de pessoas que atribuem consequências: reforçadoras e punitivas, é o meio ambiente, presente na vida de todos os humanos, lembrando que os atos de cada um inter se influenciam. Ao investigar a história, Skinner (1981)¹⁵ recomenda analisar três aspectos: o da evolução da espécie ou a seleção natural em que alguns comportamentos sofreram e que cumprem funções de sobrevivência para o ser humano; a história pessoal que resulta da seleção ontogenética daquele que se comporta, como por exemplo investigar quais os esquemas de reforços e punições aconteceram como resultado do seu comportar ao longo de sua vida. E, tão importante quanto quem foram os agentes dessas consequências passadas. De que modo aconteceu: punitivo ou reforçador. E em quais esquemas de atribuição das consequências se fortaleceu ou enfraqueceu seu repertório queixa. Analisar os esquemas de reforçamento. Lembrando que o comportamento que é reforçado ou punido, de alguém pelo outro, traz ganhos e custos a esse outro (K). Qual é a história do grupo social, quais são os valores do grupo cultural ao qual o indivíduo pertence precisam ser avaliados. Que tipo de controle esse grupo exerce sobre o comportamento dessa pessoa será descoberta fundamental a ser feita⁴.

Na continuidade, focar a análise no comportamento do personagem, da pessoa em pauta, antes de se poder saber o que a controla. A sigla usada aqui é o R, isso é, um dos elementos da classe de respostas que compõem o comportamento que trouxe o cliente até a clínica, ou seja, a sua queixa, o seu mando, seu pedido de ajuda que vem tateado, relatado, de “n” formas.

Porém, nem sempre o repertório verbal do cliente é claro a ponto de saber o que relatar ou, ainda, conseguir se fazer compreender. Nem sempre ou quase nunca, o repertório verbal do cliente é o mesmo do terapeuta. Portanto requer que o terapeuta operacionalize a fala do cliente de modo a entender seu mando, que, em acordo com Ross (1979)¹⁶, pode ocorrer por déficit ou por excesso comportamental. Operacionalizar significa transformar em ações percebidas a queixa que é trazida. Um método útil, seguindo Skinner¹ é usar verbos descritivos da ação que se pretende entender, se a fala vem em formato de adjetivos ou substantivos, devem ser transformadas em verbos, no mínimo cinco deles. Exemplo, se em um caso infantil, a mãe se queixa que: *“Pedrinho é malandro, não quer estudar”*. O que será que significa ser malandro para ela é importante descobrir E, “não querer estudar”, para ela, é o que? Começa que essa frase se trata de uma negação, algo que falta ao se investigar aquilo que ocorre, melhor seria questionar socraticamente¹⁷ perguntando uma questão por vez, com espaços estratégicos entre as perguntas, investigando de forma clínica, como por exemplo: *Certo... então na hora que ele “não estuda”, ele faz o que? [...] Quem está com ele [...] Desde quando isso vem ocorrendo? Ou ainda: ...malandro...? me dê exemplos de o que você chama de malandro...*

Até aqui se consegue um vislumbre histórico do que e como os valores da pessoa se originaram e quem fez modelação e ou modelagem de seu repertório que agora se tornou queixa. Sabedores de que se um dado comportamento existe e persiste é porque teve controle ambiental via reforçamento e, por ambiente se entende tudo que cerca um comportamento, inclusive o mundo sob a pele de cada um de nós¹. Essas então são as causas de origem².

O S, ou estímulos antecedentes, tal como descrito por Skinner¹, refere-se aos estímulos discriminativos que o ambiente interno ou externo ao organismo (Banaco, 1999)¹⁷ controla de modo antecedente à emissão dessa queixa, o que pensa e julga acerca do ato e os sentimentos correlacionados. É importante descobrir quais os sinais do ambiente, agora, aqui, no contexto atual, que levam o sujeito da ação a ficar sob esse tipo de controle. Por sinais se entenda os discriminativos que “avisam” da probabilidade de consequências, reforçadoras e ou punitivas, conflitantes ou, ainda, sinais de que se vê,

mas se desconhece a mensagem. Por exemplo, o que estava acontecendo com a pessoa quando ela procurou ajuda e que aptidões foram treinadas para essa pessoa conseguir fazer “leitura de ambiente”. Igualmente é importante o significado para ele da sinalização. Um estímulo delta que fala de punição positiva — aplicação de aversivos ou de punição negativa — apontando para provável perda de reforçadores ou se percebe os estímulos discriminativos propriamente ditos reforçadores, quer sejam positivos — ganhar algo por sua ação —, quer sejam negativos — livrar-se de coisas ruins. Novamente os instrumentos permitem descobrir tal controle, como explicitado por Mestre (2000)¹⁸.

A discriminação e generalização que controlam a construção dos estímulos discriminativos: S Dê e ou S Delta podem ser simples onde uma resposta ou é sinalizada por um ou por outro tipo. Mas esse controle costuma ocorrer de modo mais complexo, com a chamada discriminação condicional, na qual múltiplas respostas, isso é, toda uma classe delas sofre controle de uma classe de estímulos. Isso variando em acordo com o contexto e seu significado passado e presente.

Então ao analisar funcionalmente um dado comportamento é preciso focar no que está sendo significado pelos estímulos presentes naquele contexto (Delitti, 2001)⁷.

Os estímulos consequentes, quer dizer, aqueles produzidos pelo ato da pessoa que se comporta, simbolizado pela letra “C” (consequência=efeito) é outra forma de controle da R. As consequências imediatas ou a médio e longo prazo, produzidas pela R, precisam ser estudadas, se faz necessário descobrir quais são. Os ganhos por aproximação, reforçadores positivos, pessoais ou sociais; os ganhos por afastamento, reforçadores negativos, quer dizer, se esse comportamento afasta estimulação aversiva. Mas sabe-se que é impossível ter ganhos sem custo¹⁰, e sabe-se também que a pessoa só procura ajuda quando esse custo for maior que os ganhos. Então resta descobrir o que são os custos que o cliente vem pagando e de que forma. De quem ganha e para quem paga. Será que ao reduzir os custos ele também não perderá os ganhos e então nessa hora poderá abandonar a terapia.⁴

Quando se investiga esses dados se tem uma ideia inicial do que é a queixa e o que a controla; o que o ambiente sinaliza, é racional ou irracional sua “leitura”¹⁸; quem é a pessoa que se comporta e seu meio ambiente, pois quando um comportamento se altera, modificam-se também as relações da pessoa com seu meio.

Importante ressaltar que a AF deve ser refeita a cada etapa alcançada do processo terapêutico. Na medida que os objetivos são alcançados todo o grupo de pessoas envolvidas no processo de terapia sofre mudança e daí a necessidade de constante reavaliação para traçar novos objetivos, definir quais instrumentos se poderá usar para atingi-los e de que forma, isso é, com quais estratégias de ação⁵.

Rocha e col (2001)²¹ recomendam que a AF envolva cada pessoa do contexto da pessoa em foco, dessa forma se poderá pensar em estratégias terapêuticas entre as quais está a contínua realização da análise. Se a família funcional aprender autoconhecimento e for envolvida no processo, ocorrerá maior adesão ao tratamento e melhor qualidade de vida a todos.

4.3. AF e PLANO TERAPÊUTICO

A Análise Funcional é maior, mais ampla que um simples diagnóstico, pois ao estabelecê-la se cria também um primeiro plano terapêutico e se pode aferir a possibilidade do prognóstico. Ao compreender quem, como e por quais causas alguém se comporta, esse conhecimento pode e deve ser transmitido ao cliente pelo terapeuta. Essa é a sessão denominada de devolutiva e na qual se estabelece o primeiro plano de ação do tratamento.

Ao analisar as funções que um comportamento tem dentro de um repertório de ações, motoras, cognitivas, emocionais e sensoriais também se inicia o processo de ensino pelo terapeuta e aprendizagem pelo cliente da “leitura”¹⁸ da situação atual dimensionada e contextualizada na história daquele que age, em função do contexto atual e passado, do padrão do repertório de comportamento do *self*.

Skinner (1989)²² propõe um trio de “eus” que coexistem: o que AGE, que está inconsciente de seus atos, durante o agir; aquele que OBSERVA, que pode ou não discriminar o que vê a si mesmo fazer e nem sempre conseguir escolher tal ação e aquele que RELATA, que também nem sempre está aparelhado a contar ou como contar.

Ao investigar o terapeuta vai fazendo modelação e modelagem em direção ao autoconhecimento por parte do cliente (Guilhardi, 2002)²³. Ao fazer a devolutiva dessa análise e propor estratégias de ação terapêutica o cliente se apodera desses saberes e se transforma em terapeuta de si mesmo. Aquele que observa aprende com os questionamentos a se perguntar e estabelecer relações de contingência e, a partir de então poder fazer escolhas. O que não significa que possa executar tais escolhas. Muitas vezes o plano terapêutico exigirá aquisição de saber fazer (Skinner, 1983)²⁴. E, é aí que o terapeuta escolhe estratégias de aprendizagem, leia-se terapia, que possam fornecer qualidade de vida ao cliente.

Tal processo implica em saber discernir o que poderá ser possível ao cliente em modelagem, passo a passo.

Planejar o processo terapêutico implica em se determinar objetivos terapêuticos que possam ser efetuados com menor custo a pessoa que se queixa e ao seu contexto. Lembrando que todo comportamento por mais custo que tenha (e por isso se chama “queixa”) só foi mantido graças a reforçamento, seja esse positivo ou negativo. Mais ainda, quem fornece, em seu contexto, tais ganhos? Se o comportamento desaparecer haverá danos ao contexto que se verá privado dos próprios ganhos, abertos, conhecidos, ou indiscriminados, encobertos.

Outro aspecto, o comportamento a ser alterado é de que ordem, obedece a que sistema neural? SNA, sendo sensações e ou emoções? Ou ao SNC, sendo motor ou cognitivo? Mestre e Corassa⁵ criaram uma sigla PAS para focar atenção na mudança comportamental.

Os Pensamentos, ou o P da equação, o PENSAR que é comportamento OPERANTE, podem ser racionais ou distorcidos. Portanto, seria no comportamento verbal que se deveria focalizar a terapia, investigando quais são as crenças que norteiam seu repertório e se são elas racionais ou irracionais. O como funciona sua cognição, se aprende melhor por que meio Dedutivo ou Indutivo é parte fundamental para se criar repertório de mudanças.

Outra ordem da AÇÃO, são os comportamentos sensório motores, o fazer algo, como falar, bater, fugir ou se esquivar com postergações. O agir é o A da sigla. E, esse também é comportamento OPERANTE.

Ambos, P e A, obedecem ao sistema nervoso central (SNC) e às leis de aquisição e manutenção dos operantes.

Os comportamentos cuja ênfase recai nas SENSACIONES ou SENTIMENTOS são ditos autônômicos, pois obedecem ao sistema nervoso autônomo (SNA). Na fórmula são representados pelo S e tratam dos REFLEXOS inatos ou aprendidos que deveriam receber o foco atencional da terapia.

Mesmo que as queixas sejam múltiplas, o Plano Terapêutico precisa iniciar em uma das respostas que atendam ao pré-requisito de aliviar o sofrimento daqueles envolvidos. E de forma factível, isso é, se deve buscar estratégias e recursos disponíveis no ambiente dessas pessoas. Tal planejamento e, mais ainda a execução dele requerem do terapeuta muito estudo e criatividade.

O nome diz: “plano”, isso é, o psicólogo precisa planejar, buscar recursos terapêuticos. E, para adquirir tal competência o aluno ou jovem terapeuta deverá treinar muito. Para isso se conta com Estudos de Caso ilustrativos.

4.4. AF DE EPISÓDIO DO FILME: DIVERTIDAMENTE

Usando a animação DivertidaMente (Disney, 2015)²⁶ que retrata a história real de um pai que abandona própria loja próspera para ser treinador de esportes, mal remunerado e, com a mudança de cidade e emprego toda a família sofre perdas) para ilustrar como fazer uma AF, focando na protagonista: Riley, menina de 11 anos de idade, filha do 1º personagem. Os outros personagens são: a mãe, as cinco “emoções”, duas primárias: raiva e medo e uma secundária: tristeza. Duas sensações: nojo e alegria. E, há também, o Bing-Bong, um amigo imaginário da infância de Riley que personifica suas memórias, ou seja, suas crenças e valores.

Obedecendo ao proposto pelo modelo SORKC desenvolvido por Mestre⁴, de forma clínica se escutaria a pessoa que se queixa. Digamos que fosse a mãe da personagem “Riley” se queixando da

mudança comportamental da filha. Para o leitor entender do que se está falando aqui se recomenda assistir ao filme antes de continuar a leitura.

Em tal hipótese essa menina é vista como cliente em psicologia e cria-se a situação de a mãe de Riley trazer como queixa sua preocupação com a mudança comportamental da filha. A AF começaria com o terapeuta investigando (como Aristótes² ensinou, e usando questionamento socrático, (Ghedn, 2003)²⁶) para obter informações, além dos inventários citados como instrumentos.

Primeira AF: as perguntas iniciais visando entender aspectos contextuais sobre O e K e operacionalizar R⁴.

- a) QUEM _ quem é a pessoa que se queixa ou de quem se queixa é o início da Análise. No exemplo do filme o foco recai na personagem principal: Riley, garota de 11 anos, filha única de um casal onde a mãe é dona de casa e o pai o mantenedor da família, com perdas sociais, inclusive aquisitiva, após mudança de emprego do pai.
- b) QUAL é a queixa. Isso é, qual comportamento, composto por quais Respostas, a Riley apresenta. No caso, esse comportamento queixa vem descrito por negações: “não quer sair de casa e da cama, não fala” será necessário transformá-la em assertivas, em coisas que ocorrem;
- c) QUANDO começou, é a pergunta a ser feita. A mãe imagina que após a mudança de cidade, por conta de problemas profissionais do pai, a menina já vinha apresentando alguns comportamentos atípicos com sua forma de ser antes da mudança;
Ao descobrir esses dados o terapeuta foca em estabelecer quais estímulos discriminativos antecedentes (Gadelha e Vasconcelos, 2005)²⁶ que, aqui e agora, antes do comportamento em foco, desencadearam o motivo da busca de auxílio terapêutico.
- d) QUANDO Riley começou a ficar na cama e calada. O erapeuta operacionalizando a fala da mãe: “*Ela não fala mais conosco*”... se tira a negação e começa a mostrar afirmações]. A mãe descreve um jantar em que a garota e o pai discutiram e ela fugiu de casa.
- e) O que a mãe chamou de fugir de casa? Descrever “fugir de casa”. A mãe relata que o casal ouviu a porta da casa bater e descobriram que a garota havia saído, tendo se passado algumas horas antes de ela voltar.
- f) COMO a menina era antes dessa briga? Resposta da mãe: “alegre, jogadora de hóquei em sua antiga escola, onde era sucesso. Boa aluna e com vários amigos”.
- g) O QUE aconteceu durante a briga? Isso é, COMO foi a briga, o que a desencadeou, como ocorreu e o que ocorreu imediatamente após a briga e antes de ela fugir de casa? Quer dizer, como o pai e a mãe reagiram durante a briga? Descrição da mãe: “a garota acusa o pai de ser culpado de sua tristeza. Esse grita com ela e manda-a para o quarto”.
- h) Consequências desencadeadas com a briga e, no filme, reveladas pelos personagens “emoções”. Mas poderiam ser obtidas pela própria descrição da cliente em sessão.
- i) Cadeia comportamental relatada (hipoteticamente em sessão):
R₁= briga = SDelta₁ para R₂= sentir raiva = Sdê₂ para R₃= decidir (pensar) voltar para sua cidade de origem; Sdê₃ para R₄= Pegar suas coisas; Sdê₄ para = R₅: sair de casa ...
Terapeuta estabelece que a briga é o S delta para ficar em casa e ao mesmo tempo SDê para a fuga, e aí inicia novo tipo de consequências imediatas⁷ a cada ação do fugir de casa:
- j) Cadeia comportamental relatada (hipoteticamente em sessão):
SDê₅ para R₆=andar pelas ruas escuras; o R₆ produz, em esquema de reforçamento inter cruzado simultaneo⁷=C₁_raiva– enquanto energia, neurologicamente é gasta pelo ato de andar e C₂= sentir medo = serve de S delta para continuar a fuga e SDê para voltar para casa.

Ao descobrir essa cadeia comportamental, o terapeuta, dando foco aos fatos relatados, faz a AF com pai e mãe²⁷.

No filme aparece a frustração como C₁ do pai ao ver as reações da filha e esposa face aos seus próprios planos e C₂ raiva de si mesmo, da filha e até da esposa.

Ainda, o que ocorre com a mãe é também frustração C_1 com as decisões do marido, culpabilização C_2 dele e de suas próprias decisões ao lembrar do ex-namorado; foca suas memórias em si mesma e enxerga somente os problemas C_3 .

Ao unir essas respostas componentes da cadeia comportamental de frustração do grupo familiar, se procede ao primeiro Plano terapêutico.

Plano 1:

OBJETIVO

Levar a família a falar de suas emoções, negativas e positivas — o falar aqui tem objetivo na letra A, ou seja, é senso motor= ação e ao mesmo tempo modelar o P, pensar, refletir, analisar o ambiente;

INSTRUMENTOS:

opção 1= baralho das emoções (Caminha e Caminha, 2010)²⁸ — para identificação de quais emoções sente em relação a cada um da família e ligada a qual ato de cada um.

opção 2= descrever por escrito.

ESTRATÉGIAS:

Em um 1º momento, em grupo, a) pedir que relembrem o fato da briga ao jantar antes da Riley fugir de casa. b) dar um baralho das emoções a cada membro da família e que selecionem 3 emoções em relação ao caso em si e uma para cada um dos outros membros da família; por fim que escrevam o que sentiram, a que atribuem o sentimento e ou pensamento e o que pensaram de si mesmos após a resolução do caso; d) fazer troca cruzada dos papéis escritos e cada um ler o que o outro escreveu tentando usar empatia¹⁹; e) conversarem a respeito durante a sessão, com intervenção do terapeuta; f) tarefa de casa, cada um refletir e escrever para o terapeuta, dois dias depois do que aprendeu com a sessão, que sentimentos despertou e pensou?

Segunda AF: após ler o que cada cliente da família escreveu, formular nova AF, e planejar nova sessão... e assim, de tempos em tempos, a cada conquista de objetivos, se refaz a AF, que possui a característica de ser dinâmica.

5. CONCLUSÃO

Diante do texto, pode ser afirmado que os objetivos desse estudo foram alcançados: a) foi definido a Análise Funcional sob a ótica behaviorista bem como b) se ensinou o modelo de análise funcional sob o formato SORKC, adaptado pela autora principal e c) foi apresentada a importância dessa estratégia de intervenção como um método de formular um plano para psicoterapia.

Os objetivos foram atendidos quando se observa, inclusive, a concordância da literatura apresentada com os exemplos citados pelo modelo adaptado por Mestre⁵, onde na construção da análise funcional a ênfase está no processo de interação mais do que em procedimentos, considerando o termo de contingência múltipla.

Deste modo, observou-se que a busca pelo treino da habilidade em se fazer uma análise funcional com excelência, bem como o conhecimento teórico e profissional deve sempre ser aprimorado, resultando em uma prática cada vez mais refinada e com intervenções mais eficazes oportunizando ao psicólogo maiores condições de uma devolutiva dessa análise e proposta de ações terapêuticas que transformam esse cliente em seu próprio terapeuta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

01. Skinner, BF. *Ciência e Comportamento Humano*. São Paulo/SP: EDUSP. 1978.
02. Aristóteles. *Metafísica*. São Paulo/SP: Loyola, 2002
03. Bernardes, AP e Meyer, E. *Terapia Comportamental. Introdução: breve histórico da Teoria Comportamental*. Cadernos de Enfoques Profissionais em Psicologia. UFPR. 1983.
04. Mestre, MBA. *Comportamental_ novos caminhos*. Psicologia Argumento. Ano IV, nº X, agosto de 1991.
05. Mestre, MBA e Corassa, N. *Fobia ou perfeccionismo: Análise Funcional e Plano terapêutico*. Anais do IV Encontro Anual da ABPMC; São Paulo/SP, Curso _ edição das autoras, entregue em disquete. 1998.
06. Mestre, MBA. *Técnicas de Relaxamento*. Curitiba/PR: edição da autora, formato de CD, 2015.
07. Mestre, MBA e Moser, A.M. *Manual teórico e prático da disciplina Análise Experimental do Comportamento*. Vol. I e II. Curitiba/PR: 4ª. edição das autoras em arquivo digital, 2019.
08. Delinski, G; Franzoni, F; Gracyski, E e Mestre, MBA. *Uso de encobertos na prática clínica*. Em Brandão. M. Z. (org). *Sobre comportamento e cognição: a história e os avanços, a seleção por consequências em ação*. Santo André/ SP: ESETec. vol. 10, Pp. 210- 215. 2004.
09. Moreira, MB. e Medeiros, A. *Princípios básicos de análise do comportamento*. Porto Alegre/RS: Artmed. 2005.
10. Sidman, M. *Coerção e suas Implicações*. Campinas/ SP: Psy. 2005.
11. Kuhnen, A. *Percepção Ambiental*. Em Sylvia, C., Elali, G.A. (Orgs.), *Temas em Psicologia Ambiental*. São Paulo/SP: Vozes. 2011.
12. Silveiras, EFM. *Avaliação e intervenção clínica comportamental infantil*. Em Silveiras E.F.M. *Estudos de caso em psicologia clínica comportamental infantil, (vol.1)*, Pp. 13-29. Campinas/SP: Papirus. 2004.
13. Lazarus, AA. *Psicoterapia Personalista*. Belo Horizonte/MG: Interlivros. 1977.
14. Keefe, FJ; Kopel, SA e Gordon, SB. *Manual prático de avaliação comportamental*. São Paulo/SP: Manole. 1998.
15. Skinner, BF. *Upon Further Reflection*. Englewood Cliffs/USA: Prentice-Hall. 1981.
16. Ross, AO. *Distúrbios psicológicos na infância*. São Paulo/SP: McGraw-Hill do Brasil. 1979.
17. Banaco, RA. *O acesso a eventos encobertos na prática clínica: um fim ou meio?* Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva. *ABPMC*. Ano 1, v. 1. Campinas/SP: Átomo. 1999.
18. Mestre, MBA. *Comunicação e relações humanas*. Revista de Estudos da Comunicação. Curitiba/PR: Champagnat, 2000.

20. Delitti, M. (2001). Análise funcional: o comportamento do cliente como foco da análise funcional. Em M. Delitti (org.). Sobre o comportamento e cognição (v.2), pp. 35-42. São Paulo/SP: ESETec. 2001.
21. Rocha, MM. e Brandão, MZS. A importância do autoconhecimento dos pais na análise e modificação de suas interações com os filhos. Em M. Delitti (org.). Sobre o comportamento e cognição (v.2), Pp. 133-141. São Paulo/SP: ESETec. 2001
22. Skinner, B F. The initiating self. Recent Issues in the Analysis of Behavior. Columbus, Ohio/USA: Merrill. 1989.
23. Guilhardi, HJ. Autoestima, autoconfiança e responsabilidade. Comportamento Humano – Tudo (ou quase tudo) que você precisa saber para viver melhor. Em Brandão, M.Z.S. e col. Santo André/SP: ESETec Editores Associados, 2002.
24. Skinner, BF. O mito da liberdade. 3 ed. São Paulo/SP: Summus. 1983.
25. Doctor, P. Divertida Mente (Inside out). Filme produzido pela Pixar Animation Studios e lançado pela Walt Disney/USA. 2015.
26. Ghedin, E. A filosofia e o Filosofar. São Paulo/SP: Unilitras, 2003.
27. Gadelha, YA. e Vasconcelos, L.A. Generalização de estímulos: aspectos conceituais, metodológicos e de intervenção. Em Abreu-Rodrigues e Ribeiro. Análise do comportamento. Pesquisa, Teoria e aplicação. Pp. 139-158. Porto Alegre/RS: Artmed. 2005.
28. Caminha, RM e Caminha, MG. Baralho das Emoções_ acessando a criança no trabalho clínico. São Paulo/SP: Sinopsys. 2010.